

IMPRENSANDO O CANTOR/COMPOSITOR BRÁULIO DE CASTRO

Ele é a cara de Pernambuco. Homem do frevo canção, frevo de bloco, já pôs letra em frevo de rua, compôs xotes, emboladas, rojões, sambas, fez música para pastoril profano e serestas. É neto de músicos. Saiu de Bom Jardim muito moço e o maracatu e o samba de roda do Pátio do Terço em Recife, somando-se aos grandes mestres da música brasileira lhe serviram de inspiração para se tornar um compositor importante no Brasil. E como autor de músicas consagradas na voz de intérpretes famosos, ao longo de décadas, após residir em São Paulo por mais de 20 anos, voltou a Pernambuco onde mora num bairro bucólico de Olinda. Tem no seu baú de 300 músicas gravadas, quase a mesma quantidade de inéditas, à espera de artistas que em meio a essa baixa qualidade do que se ouve hoje no rádio e TV, ainda demonstrem sensibilidade por uma boa música e sintam o desejo de gravá-la. É uma pessoa que tem um sentimento raro de amor pela terra que nasceu e pelo time do seu coração: o Santa Cruz do Recife.

Como ele é um artista com profundo conhecimento do meio musical, a nossa entrevista foi como um depoimento a um delegado de polícia sedento de fatos: um assunto puxou o seguinte. E acreditem: Bráulio de Castro não caiu em nenhuma contradição. Falou de Simonal, Adoniran, Vinícius, Venâncio, Noite Ilustrada e Capiba, além das dificuldades que tem o artista popular de conseguir apoio financeiro dos órgãos que incentivam a cultura, entre outros assuntos. Não fugiu de nenhum tema polêmico. A entrevista foi feita sem a mínima preocupação com “a borracha do tempo” que tudo apaga, título de um de seus sambas gravado pelo seresteiro Francisco Petrônio. Aos 71 anos de idade, pois nasceu em agosto de 1942, Bráulio tem uma memória formidável. E foi essa prodigiosa memória dele que eu explorei. O resultado disso tudo, prezados leitores, vocês conferirão aí abaixo. Eu garanto que será uma leitura proveitosa e agradável porque foi uma entrevista do cassete!

Abílio - Bráulio, seu avô foi fundador de uma banda de música em Bom Jardim. Além disso, sua terra nos deu Levino Ferreira, Dimas Sedícias e até o Mestre Faustino da rabeca. Sei também que nos anos 60 você era frequentador do Pátio do Terço, no Recife, observando toda aquela arte musical que ali jorrava. Afinal, o que lhe impulsionou para a música, as suas origens familiares ou os mestres da música de Pernambuco?

Bráulio - Meu avô se chamava Admário Gomes de Castro, foi escultor e músico (tocava tuba e bombardino), Presidente Fundador em 22 de outubro de 1932, do Grêmio Litero Musical Bonjardinense, amigo de infância e contemporâneo musical de Levino Ferreira. Minha terra deu grandes músicos: Dimas Sedícias, Ailton Barbosa (Fundador do Quinteto Vila Lobos), Davi Vasconcelos, Maestro Correia de Crasto, José Pessoa Sedícias (Zé Bague), Dinamérico Sedícias, José Pessoa dos Santos (Mestre Teté), Rogério Andrade (pertenceu a orquestra do Maestro Duza). Mestre Faustino foi um excelente rabequeiro, gravei um arrasta pé com Genival Lacerda em homenagem a ele. Em 1949, vim com meu Avô Admário morar em Recife e papai que era político

ficou em Bom Jardim. Aqui moramos por pouco tempo em Casa Amarela e depois nos mudamos para o bairro da Iputinga. Costumo dizer que tive duas infâncias: uma me banhando no Capibaribe e a outra no Tracunhaém. No tempo de rapaz comecei a frequentar o Pátio do Terço, onde convivi com muito maracatu e samba de roda. O que me impulsionou para a música, além do meu avô, foram as bandas, os frevos, Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro, os sambistas como Ciro Monteiro, Luiz Barbosa, Roberto Silva, Jorge Veiga etc.. O meu primeiro parceiro de samba foi Inaldo Vilarim, injustiçado até hoje, autor dos sambas: EU E O MEU CORAÇÃO, gravado por João Gilberto, Dóris Monteiro e Maysa e CONVITE AO SAMBA, sucesso com Elza Soares. Hoje me considero um compositor que viajou por todos os ritmos brasileiros, da música de raiz passando pelo jocoso, xote, baião, samba-canção, gafieira, bolero e até bossa nova, onde compus muita coisa com a minha esposa e parceira, Fátima de Castro. Sofri influência também de Adoniran Barbosa, pois o samba pernambucano é muito parecido com o samba paulista, talvez por isso, fiz muita música no estilo de Adoniran.

Abílio - Bráulio, sua carreira como cantor e compositor começou mesmo em 1964? Pergunto isso porque em 1964 você gravou pelo Selo Verdi o frevo "Além de mim". Acho que por essa mesma época, Cyro Monteiro gravou o samba "Maria Luiza", seu e de Inaldo Vilarim, hoje infelizmente esquecido. Quando isso ocorreu, você ainda morava em Recife ou já tinha se mudado para São Paulo. Foi por esse período que você se tornou servidor do extinto Instituto Brasileiro do Café?

Bráulio - Eu gravei o frevo "Além de Mim" e no outro lado "Aquele Talcuzinho", mas como eu não tinha dinheiro pra mandar prensar os compactos, Gildo Moreno me deu a ideia pra que eu imprimisse alguns acetatos. Foi o que fiz. Tem até uma história no livro que estou escrevendo sobre os meus 50 anos de música sobre esse acetato, depois lhe conto. Quando gravei com Ciro, eu ainda morava em Recife. Entrei no IBC em 1963 e fui demitido em 31 de maio de 1964, em pleno golpe, eu e mais quatro fiscais. O samba "Maria Luiza", foi lançado num compacto simples, o meu levou fim, desapareceu. Quando viajei pra São Paulo, lá tentei arranjar outro, mas não consegui. Se fosse LP seria mais fácil.

Abílio - Bráulio, você foi demitido do IBC no dia do golpe. Houve algum motivo ideológico para essa demissão? Alguma denúncia esquisita? É estranho que no mesmo dia em os milicos tomaram as rédeas do poder central, você tenha perdido seu emprego federal, ou melhor, seu cargo público!

Bráulio - Eu fazia política estudantil e era fã de carteirinha de Miguel Arraes e do grande Pelópidas da Silveira. Eu acredito que tenha existido denúncia de algum colega ou até de alguém que não gostasse de mim e que sabia da minha posição de esquerda. Eu percebia às vezes alguém me seguindo, mas nunca fui preso. Se fui fichado até hoje não sei. Agora uma vez em São Paulo, um tenente da Aeronáutica, que depois eu soube que era policial especial, ou seja, dedo duro, certa ocasião no bar onde a gente tomava umas e outras, falou meu nome todinho, ou seja, BRÁULIO JOSÉ GOMES DE CASTRO, como

para mostrar que sabia do meu "currículo". Poxa, uma cara que só me conhecia de mesa de boteco, saber meu nome completo, realmente era pra deixar você cabreiro. Abílio, eu fui demitido em 31 de maio de 1964. O golpe foi em primeiro de abril. O interventor que assumiu no lugar de seu Bueno, era um tal de João Domingos, direitista fanático.

Abílio - Dizem que tem mal que vem para o bem. Se você não tivesse sido demitido do IBC talvez tivesse se tornado um compositor bissexto e um burocrata a mais. Enxerga alguma coisa de positivo para a sua carreira nesse ato? Eu acho que a música ganhou com isso!

Bráulio - Claro, Abílio, eu hoje poderia estar aposentado com um salário de fiscal federal, mas frustrado, pois aqui eu teria gravado alguns frevos e pronto. Não sou um Capiba nem um Luiz Bandeira, mas acho que vou deixar meu nome como compositor, bem menos famoso, porém satisfeito. Hoje, com a aposentadoria que ganho, pra sobreviver tenho que me virar mais do que bode embarcado. Quem sabe se antes de "Amaro Bocão" me chamar, a minha anistia não saia, ao menos pra eu descansar uns dois anos no meu querido Bom Jardim.

Abílio - No tempo que você foi para São Paulo, a pauliceia não era tão desvairada e era um lugar bom para se trabalhar, viver, ganhar dinheiro e fazer sucesso. Como foi seu começo lá? A gente sabe que é difícil viver somente de música. No começo da década de setenta, pelo menos para mim, seu nome começou a aparecer nos selos dos long plays e compactos. Qual foi o seu primeiro degrau para o sucesso que lhe transformou num compositor requisitado por tanto artista famoso?

Bráulio - Eu cheguei em São Paulo no final da década de 1960, dei algumas pernadas, mas acabei entrando no ramo de seguros, coisa que eu nunca imaginei, pois depois que sai do IBC (Instituto Brasileiro do Café) fui ser bancário. Minha intenção em São Paulo era trabalhar como vendedor, porém não no ramo que entrei. Pouco tempo depois que cheguei, fui apresentado a Tabajara, funcionário encarregado de encaixar músicas para a Editora Vitale. Já conhecia Noite Ilustrada daqui de Recife e daí para me entrosar no meio musical, foi um pulo. A primeira música que gravei em São Paulo foi uma marcha de carnaval com o próprio Noite. Agora, o primeiro samba de minha autoria que fez sucesso foi "Tá Vendo Só". Essa música tocou muito! Em 1972, veio o sucesso nacional, Desafio (Cuca Cheia de Cachaça) de Luiz Américo e Bráulio de Castro. Durante os anos que vivi na Paulicéia ganhei dinheiro com música, mas nunca dependi dela para viver, ao contrário, pra mim era um passatempo que eu adorava e hoje me arrependo de não ter encarado o meio musical como profissional. Eu teria sofrido um pouco no começo, mas depois, tenho certeza que iria me dar bem. Tanto como compositor, produtor e até cantor de samba.

Abílio - Pois é, Bráulio. Eu tenho esse seu sucesso com Alcione numa coletânea que saiu em 1973, a mesma que tem Caetano Veloso cantando "Tudo se transformou", de Paulinho da Viola. Alcione, na década de setenta,

dava muito gosto se ouvir. Um timbre tão maravilhoso que encantou até o maestro francês Paul Mauriat, que lhe dedicou "Sabiá Marrom", melodia dele, com letra de dois compositores nossos, Totonho e Paulinho Rezende. Não sei por que seu samba não foi gravado com o nome "Cuca Cheia de Cachaça", que tem tudo a ver com a música, muito mais do que esse "Desafio" que ficou registrado. Com esse nome, imagine quantos bêbados não iriam comprar esse LP? Realmente, é um samba muito lindo!

Bráulio - Naquela época, dificilmente a censura deixava passar letra que falasse de cachaça, apesar que a maioria dos censores tomava um "mé" de lascar. O título original do samba era: "Te Ganho na Raça". Acontece que o produtor, sem a minha autorização, colocou, "Desafio", mas como Luiz Américo tinha concordado com o novo título, depois de discutir com o produtor, acabei deixando pra lá. A música transformou-se num sucesso nacional, ficando seis meses em primeiro lugar na parada de sucessos, tendo sido regravada por diversos cantores, inclusive Zuzuca. Foi daí então que surgiram outras músicas falando de cachaça, a exemplo de "EU BEBO SIM" e "CACHAÇA MECÂNICA". Abílio, se você pesquisar, verá que fazia muito tempo que não se gravava um samba com refrão, primeiro verso, refrão e segundo verso. Eu copiei o modelo dos sambas antigos.

Abílio - A Censura era um atraso. Tiro ao Álvaro, do Mestre Adoniran foi censurada porque o censor disse que a letra atentava contra a nossa língua. Mas aí, além de Alcione, outros artistas foram gravando suas músicas: Jair Rodrigues (Porta é pra Bater); Os Originais do Samba (A Malandragem Entrou em Greve); Benito di Paula (Bendito Seja); Luiz Américo (Desafio); Nerino Silva (Tá Vendo); Maria Alcina (O Aperto); Noite Ilustrada (Aplauso do Povo, Assombrações do Recife Velho e Profecia); Germano Mathias (Por Motivo de Força Maior); Geraldo Luiz (Penha/Lapa); Grupo Talismã (Cadê Adoniran); Os Demônios da Garoa (Violão e Viola); Osvaldinho da Cuíca (Véio Mestre); Wilson Simonal (Trinta Dinheiros). Esqueci alguém dessa fase paulista, Bráulio? Você fez amizade com esse pessoal todo? Nesse tempo aí, eu (e muita gente) pensava que você e Jorge Costa fossem paulistanos, tal a ligação de vocês com os artistas do samba de São Paulo.

Bráulio - Dessa fase você só esqueceu Celso Miguel, esse cantava muito, tinha a voz parecida com a de Tito Madi, mas não imitava. Nunca mais eu ouvi falar de Celso! Gravei também com Ventura Ramirez, ex componente dos Demônios da Garoa, grande figura, toca um violão de 7 cordas como ninguém. Jair Rodrigues, Benito de Paula, Osvaldinho da Cuíca e Germano Mathias, até hoje são meus amigos. Noite Ilustrada, além de amigo, foi companheiro de canastra e boêmia. Nas farras que fizemos juntos, a bebida consumida daria pra montar um depósito de uma fábrica. Os outros também, infelizmente, já se encantaram. Dos Demônios da Garoa, só resta Canhotinho. Você agora foi fundo, bateu uma saudade danada daquele tempo, quando Sampa tinha muito menos violência e uma vida noturna maravilhosa.

Abílio - Não sei se você conviveu com o saudoso Adoniran Barbosa. Sei apenas da sua admiração por ele ao ponto de homenageá-lo com três músicas:

Véio Mestre, Cadê Adoniran e Recado de Adoniran pra Arnesto. Em relação a esta última, que para mim foi defendida por sua esposa Fátima de Castro e os Demônios da Garoa, num Festival da Record de 1992, um dos biógrafos dele, chamado Ayrton Mugnaini Jr, colocou no seu livro intitulado "Dá Licença de Contar", às páginas 121/122, que o grupo Demônios da Garoa se recusou a defendê-la, nesse mesmo festival, porque não concordava com a letra que afirmava que Adoniran falava com seu cachorro de nome Peteleco. Está escrito lá que um deles teria afirmado: "Ora essa, cachorro não fala". Tem algum fundamento isso? O livro é de 2002.

Bráulio - Convivi com Adoniran desde 1969 até o seu falecimento. Tomamos muito chope no Ponto Chic e de vez em quando me encontrava com ele no Parreirinha, restaurante onde ele tinha uma mesa cativa. Quanto ao samba do festival da Record, é uma história muito longa e vou tratar dessa questão em um capítulo do meu livro "Cinquenta Anos de Música Popular", onde eu contestarei Ayrton Mugnaini Jr e conto o que se passou exatamente. Antecipo apenas que o fato não se deu conforme ele narrou em duas linhas do seu livro.

Abílio - Bráulio, quando Simonal lhe pediu para compor "Trinta Dinheiros", ele já estava enterrado no cemitério dos mortos-vivos do Pasquim. Todos afirmaram que ele era dedo duro, delator, informante, colaborador do DOPS, essas coisas todas. Eu mesmo risquei o nome dele do meu caderno. Fizeram até um filme (não faz muito tempo) tentando recuperar o enorme desgaste da sua imagem como artista perante os seus fãs. Qual a sua opinião sobre essa encrenca, você que vivenciou essa situação?

Bráulio - Abílio, eu vim conhecer Wilson Simonal pessoalmente quando ele já estava no ostracismo, tentando voltar à mídia, mas infelizmente não conseguiu. O meu primeiro contato com ele foi na "Igrejinha", casa de samba que havia no Bixiga. Daí nasceu uma amizade de mesa de bar e um dia numa dessas noitadas, ele me contou o golpe que levou de um amigo de confiança que deu origem àquela fama de ele ser dedo duro dos militares. Marcelo Duran, na época Assistente de Produção do Diretor da RCA, foi quem teve a ideia de fazermos um samba falando do seu drama. Passou a letra do refrão, eu fiz a melodia e os dois versos. O samba foi gravado num compacto simples, tendo no lado A "A VIDA É SÓ PRA CANTAR" e no lado B, o meu samba "TRINTA DINHEIROS". Antes de conhecer Simonal, eu achava ele um cara posudo, antipático, mas depois mudei totalmente o meu meu conceito. Wilson Simonal além de um grande artista, era uma pessoa muito humana, alegre, cheia de brincadeira, mesmo estando numa maré meia braba. Eu acho que depois de fazer sucesso com a música "A VIDA É SÓ PRA CANTAR", que foi mais uma forçação de barra da gravadora, ele vendo que jamais voltaria a ser o artista de antes, começou a beber muito e entrar em depressão. Foi lamentável o que fizeram com ele. Na época em que ele lançou meu samba, saiu uma nota nas "dicas do Pasquim", dizendo mais ou menos o seguinte: "Ironia do destino, Wilson Simonal gravou um samba chamado TRINTA DINHEIROS".

Abílio - Há (ou havia) um grupo de samba muito bom em São Paulo chamado

Talismã, que deve ser uma homenagem ao sambista de mesmo nome, o qual acompanhava o Mestre Adoniran depois do seu rompimento com o grupo Demônios da Garoa. É interessante que, na década de 70, o poeta Vinícius de Moraes se irritou com um bêbado que xingava Jonhhy Alf quando este se apresentava numa boate da Pauliceia. Como as palavras de baixo calão não cessavam, Vinícius se levantou e falou em alto e bom som para Alf: " - Vamos embora daqui que São Paulo é o túmulo do samba". Todos os sambistas paulistanos se calaram, porém você, um pernambucano que escreveu "Nordeste, Capital São Paulo", foi quem respondeu ao ilustre parceiro de Tom Jobim. Muita gente ficou com aquilo engasgado, mas não fez nada com receio de magoar o Poetinha. Conte essa história pra gente e explique por que quase ninguém fala no samba "Você Deu Mancada".

Bráulio - Abílio, agora foste fundo. Quanto ao Conjunto Talismã, não tem nada a ver com o sambista. O Talismã sambista era carioca, mas radicado em São Paulo e o Conjunto foi formado por Maximino que tocava sete cordas e tinha uma casa noturna na Bento Freitas. Eles cantavam bolero, guarânia, etc. Depois passaram a acompanhar Adoniran que havia se desentendido com os Demônios e assim começaram a cantar samba. Gravaram três sambas de minha autoria: VOCÊ DEU MANCADA, SANDUICHE PRA VIAGEM E CADÊ ADONIRAN? O primeiro, em parceria com Paulo Elias e o terceiro, em parceria com Raimundo Prates, dois excelentes compositores que já não estão conosco. Com relação a Vinícius de Moraes, ele sempre negou essa declaração, mas aconteceu realmente. Jonhhy Alf presenciou o fato e os sambistas de São Paulo ficaram magoados com ele, principalmente os de raiz como Osvaldinho da Cuíca, Geraldo Filme, B. Lobo, Germano Mathias e o próprio Adoniran Barbosa, pois toda vez que fazia show, pedia para o Conjunto Talismã cantar a música VOCÊ DEU MANCADA. Quando fiz este samba com Paulo Elias, a primeira pessoa a quem mostrei foi ao meu amigo Noite Ilustrada, mas ele me falou que tinha acabado de fazer o seu LP. Procurei os Originais do Samba que ficaram com receio de magoar o Poetinha. Acabei gravando com o Conjunto Talismã que não tinha muito espaço no rádio e o pior é que as próprias emissoras de Sampa não deram importância pra música. Modéstia à parte, a resposta foi muito bem feita e o único elogio que recebemos foi do jornalista Casanova do Estadão.

Abílio - Bráulio, me consta que você foi amigo de Venâncio, da famosa dupla pernambucana Venâncio e Corumba, ao tempo em que Anastácia era mulher dele, inclusive tiveram filhos. Depois da separação do casal, Anastácia foi ser "a outra" de Dominginhos e com ele formou uma dupla fenomenal para a música brasileira, uma verdadeira união de talentos, ele cuidando das melodias e ela das letras. Não sei se você sabe, mas de 2005 para cá fala-se muito na suposta verdadeira letra (original) do baião "Último Pau de Arara", que é do poeta de Campina Grande, José Palmeira Guimarães. A música foi gravada originalmente por Venâncio e Corumba em 1956, porém uma gravação do cantor Biliu de Campina, num CD de 2005, acendeu o estopim de uma polêmica. Ele disse que a letra que gravou está de acordo com um livro do poeta Palmeira. Você sabe por qual motivo a letra original não foi gravada, mas uma adaptação feita por Venâncio que foi o responsável pela melodia?

Bráulio - Quando conheci Venâncio, ele já estava separado de Anastácia, era casado com Zezé e tinha três filhos: Clóvis, o caçula, que hoje é músico/compositor, Luiz e Mércia. O que ele me contou sobre a parceria com Guimarães foi a seguinte: o parceiro lhe deu a letra, viajando depois pra Paraíba. Quando Venâncio gravou o baião, conseguiu localizar Guimarães que assinou a autorização. Se a letra original é a que eu tive conhecimento através de você, não sei dizer. O que sei é que Fagner regravou "Último Pau de Arara" no começo da década de 70 com a mesma letra que Venâncio gravou. Uma coisa posso lhe afirmar: durante todo o tempo que permaneceu a sociedade entre Venâncio e Corumba, toda música que Venâncio fazia colocava o seu sócio de parceiro, mesmo Corumba sendo também compositor. Até as contracapas dos discos que ele escrevia, constava o nome do parceiro da dupla, que era também sócio da VEMBA. O velho "Vena" como era chamado carinhosamente, era espiritualista, muito criterioso e leal. Muitas vezes foi enganado por falsos amigos que fingiam ser espíritas para se aproveitar dele. Depois eu vou lhe colocar em contato com o grande compositor Carlos Magno, que ele conviveu com Venâncio muito mais tempo do que eu e este poderá confirmar tudo o que estou dizendo.

Abílio - Ô Bráulio, acho que perdi tempo procurando saber da vida dos outros. Vamos falar de você e seus grandes sucessos no forró. Um deles sempre me chamou a atenção: no fim da década de 70, Genival Lacerda gravou um dos mais sensacionais LPs de sua carreira e uma música sua e Célio Roberto, me entusiasmou. Era "Rock do Jegue". Lembro-me desde criança do jegue inserido na paisagem do agreste onde nasci e cresci. O jegue é um animal imoral que ficava provocando risos das meninas de 10 anos que passavam pra escola e o viam naquele estado que você sabe. Pois bem, quando escutei essa música pela primeira vez, eu voltei para a minha meninice em São Joaquim do Monte. A música é um xote, mas o refrão tem jeito e atitude de rock: "De quem é esse jegue/De quem é esse jegue/De quem é esse jegue/Ele quer me morder". Eu acho que a palavra "morder" aí, foi a solução encontrada para escapar da censura (talvez) que já estava nos seus estertores. Você explorou bem esse lado humorístico que tem o grande artista Genival entregando-lhe uma grande música. Você sabe que na gravação original quem o acompanhou foram os gênios Sivuca e Dominginhos?

Bráulio - O refrão do jegue quando Célio me mostrou, era um roque, então eu fiz o resto, mas com a condição de transformá-lo em xote. Justamente aí é que está a gozação da música. O curioso, Abílio, é que esse xote primeiramente fez sucesso no nordeste e, no restante do Brasil, o que tocou pra valer foi o "Radinho de Pilha", isso em 1979/80. Em 1993, quando eu já estava morando em Olinda, um dos donos da W/Brasil (aquele que foi sequestrado), estando de férias em Porto de Galinhas, ouviu um grupo de jovens cantando o Jegue, se aproximou e perguntou de quem era a música, tendo como resposta que a gravação fora feita por Genival Lacerda. Chegando em São Paulo entrou em contato com a Editora, pediu autorização, fazendo um jingle com a marca de uma grife famosa. Foi assim que a música estourou também no sudeste. Genival que andava meio por baixo, voltou montado no

Jegue com a carga toda. Eu me lembro que na época eu estava numa pindaíba da moléstia, quando recebi um recado para entrar em contato com Amaral, gerente da Editora Vitale, liguei pra ele e recebi a notícia que estava sendo creditado em minha conta a importância de quase catorze mil reais, isso num dia de segunda feira. Foi como se eu tivesse tirado na loto. Catorze mil reais naquele tempo valia muito mais do que agora.

Abílio - Mas você também teve sucessos de forró gravados por Fafá de Belém, Flávio José, Petrúcio Amorim, Nando Cordel, Cristina Amaral e até a dupla Caju e Castanha, esta última revelando o seu lado jocosos. Aliás, você tem ótimas parcerias com Nando e Petrúcio. "Eu Sou o Forró" para mim é uma obra-prima (com Petrúcio). Sem falar em Penha-Lapa, gravada pelo saudoso Geraldo Luiz, esta em parceria com Jorge Costa. Fale-me um pouco deste seu lado forrozeiro.

Bráulio - Meu primeiro forró gravado foi com Genival Lacerda ainda quando residia em Recife. Chegando em São Paulo parti para gravar samba. Já fazendo sucesso com o Samba "Tá Vendo Só" e "Desafio" (Cuca Cheia de Cachaça), encontrei com Genival no bairro do Brás que me pediu uma música para o seu próximo disco, mas só vim a gravar com ele três anos depois. Apesar de enveredar pelo caminho do samba, nunca perdi minha raiz, nem musicalmente nem no modo de falar, mesmo vivendo tantos anos no "Sul Maravilha". Genival Lacerda e Caju e Castanha, foram quem mais gravaram forró de minha autoria. Até hoje "Mulher de Amigo Meu" é o carro chefe da dupla. Castanha deixou de me procurar uma vez que agora está bem financeiramente e anda pegando bigu nas músicas dos autores novos que ficam querendo gravar de todo jeito e acabam dando parceria. Aliás, pela minha experiência de 50 anos de música popular, noventa por cento dos cantores são egoístas e ingratos, depois que fazem sucesso com a sua música, ficam lhe esnobando e por esse motivo já mandei neguinho tomar naquela lugar. Voltando ao forró, além de Fafá de Belém e Jorge de Altinho, gravei com muita gente boa e depois que voltei a morar em Pernambuco, fiz algumas parcerias com Petrúcio Amorim, Maciel Melo, Nando Cordel etc.. Agora mesmo acabei de gravar dois xotes com Nádia Maia, pra mim uma das melhores cantoras de forró, porque além da afinação tem uma voz totalmente nordestina. Só para lembrar, o primeiro sucesso de Nando Cordel, "Meu Bombom", fizemos quando ainda morávamos em São Paulo.

Abílio - Ô Bráulio, não sei se foi através de uma emissora de rádio do Recife ou um desses sítios de música da internet, a verdade é que gostei muito, desde a primeira audição, do frevo-canção "Frango da Madrugada", com sua voz e muita irreverência. Achei, inicialmente, que aquilo fosse uma espécie de gozação com o bloco "Galo da Madrugada", apesar de saber que você gosta do Galo. Eu acompanhei esse bloco saindo no chão na década de 70, acho que lá por volta de 1977 ou 1978. Depois ele se tornou essa coisa maluca que se vê hoje, copiando o modelo baiano de fazer carnaval, colocando vinte e tantos trios elétricos, enchendo as ruas de camarotes particulares e até trazendo Maria Gadú, Joelma e Zélia Ducan para cantar frevo. Eu abomino esse modelo carnavalesco, tanto que, no sábado de carnaval pela manhã, eu me dano pra

Olinda e só volto quando nem mais o rabo do galo está pelas ruas. O Galo da Madrugada emociona você, um artista que tem laços muito fortes com o frevo e o bairro de São José?

Bráulio – Infelizmente, Abílio, a grana sempre falou mais alto. Quando a coisa começa a crescer demais, vêm os grandes patrocinadores e acabam com a nossa cultura, uma vez que a bandeira deles é o vil metal. Quando ainda morava em São Paulo, eu compus uma música para o Galo, que segundo Ednaldo Santos, é uma obra prima. Aliás, Ednaldo Santos, grande radialista, é um dos poucos baluartes que lutam a favor da cultura pernambucana, tanto com relação ao frevo, quanto a outros ritmos. O frevo a que me refiro se chama "O GALO PEDE PASSAGEM": "Ouço clarins, lá vem o galo da madrugada/ para mostrar a beleza das suas mascaradas/ vem oh! meu Galo reviver antigos carnavais/ batalhas de confete e serpentina/ Pierrôs e Colombinas dos tempos coloniais/ É carnaval eu estou a toa/ ah! como a folia no Galo é boa/ vamos no passo, todos frevando/ é o Galo que vem passando". Essa música foi gravada primorosamente por Gustavo Travassos, filho do grande Enéas e está na primeira faixa do seu CD e no CD "Pernambucaneando" produzido por mim. Só ouvi essa música tocar até hoje no programa de Ednaldo Santos e na Rádio Folha. Falando na Rádio Folha, está de parabéns, vem tocando frevo desde o dia 01 de janeiro de 2014. Entre outras músicas que fiz falando do Galo, tem uma que segundo me contaram, deixou neguinho da direção fulo da vida, o frevo é "UM SONHO COM ENÉAS": SONHEI COM ENÉAS/QUE CHORANDO ASSIM DIZIA/COITADO DO MEU GALO/SOFREU UM GRANDE ABALO/NO REINADO DA FOLIA. Prosseguindo: EU VI DAQUI DE CIMA/ MEU GALO DA MADRUGADA/NO CALYPSO REBOLANDO/USANDO SAIA RODADA/ME PERGUNTEI O QUE DIABO ESTÁ HAVENDO/QUANDO ESCUTEI UMA VOZ ASSIM DIZENDO/INFELIZMENTE CUMPRIU-SE A PROFECIA/ FOI SÓ VOCÊ PARTIR PRO GALO VIRAR RECIFOLIA. Esta Abílio, só tocou no programa de Ednaldo Santos, inclusive com ele metendo o pau na descaracterização do nosso Clube de Máscaras. Kayto, do Som da Terra, foi quem teve a coragem de gravar esse frevinho. Segundo ele, colocou pra tocar na Sede do Galo, mas pediram pra tirar ligeirinho. Faz algum tempo que o cantor Ed Carlos me telefonou, dizendo que tinha sido convidado pela direção do Galo pra fazer um frevo sobre a transposição do Rio São Francisco e eu lhe respondi o seguinte: Ed, faça sozinho, porque se não me convidaram é porque primeiro, eu não sou compositor de frevo e segundo, não aceitaria, pois pra mim samba de enredo se faz pra Escola de Samba, como eu já fiz muitos no tempo em que residia no "SUL MARAVILHA".

Abílio - E o Frango, que de acordo com um tricolor amigo meu, é o hino de um clube ou troça em Bom Jardim?

Bráulio - Acabei esquecendo do Frango da Madrugada. Esse frevo, Abílio, eu gravei em 1992 num CD com o título "O Bráulio no Carnaval", justamente por causa daquela estória do Bráulio virar pitôta. O disco foi produzido por Fred Monteiro no seu estúdio que ainda era em Casa Forte. Foi um CD totalmente cibernético com arranjos do Maestro Duda. Ele gostou tanto da brincadeira que não cobrou um centavo pelo trabalho. O Frango da Madrugada não tem nada

com o Galo do Recife, eu fiz a pedido do pessoal de Bom Jardim, que segundo quem me pediu, era pra gozar com um adversário político. Realmente é o hino da troça de mesmo nome.

Abílio - Você é um compositor que produziu ótimos frevos, tanto de bloco como canção. É vencedor de vários concursos, enfim um vitorioso, até no maracatu. Mas seus frevos não se cantam nas prévias dos blocos, nas ruas e nem nos palcos da festa momesca financiada pelas Prefeituras do Recife e Olinda. Por que os compositores surgidos após a década de 70 não conseguem furar o bloqueio imposto pelos saudosistas do trio Capiba/Nelson Ferreira/Luiz Bandeira sem pretender discutir a genialidade deles? Cito seu exemplo, de Carlos Fernando, Jota Michilles, Don Tronxo e até Toinho do Quinteto Violado. De Alceu Valença cantam "Morena Tropicana" que nem frevo é. Que conservadorismo exagerado é esse que faz com que os cantores de frevo cantem duas músicas e já na terceira emplaquem "Você diz que ela é bela" ou "Voltei Recife"? Estamos condenados a ouvir "eternamente" os mesmos frevos das décadas de 40 até 60, esquecendo-se completamente dos "novos" compositores, alguns já na faixa dos 70 anos, como é o seu caso e de Jota Michilles? Carlos Fernando se foi o ano passado e agora é que será esquecido.

Bráulio - Ótima pergunta, Abílio. Eu tenho gravados até hoje, 44 Frevos de Bloco, 76 frevos canção, incluindo os irreverentes, e 06 Maracatus, sendo que 04 deles ganharam os seguintes Festivais: QUILOMBO - 1º lugar no Frevança da Globo, na década de oitenta, quando eu ainda morava em São Paulo. Quem presidia os jurados era Mestre Capiba. Ao me entregar o troféu, com aquele seu jeito gozador, falou no meu ouvido: "Oê foi o primeiro compositor a falar mal da Inceza Isabel". "QUILOMBO", de Bráulio de Castro e Carlos Magno. Eis a frase comentada por Capiba: "Escravidão foi dureza/ que a raça negra enfrentou / negro não teve Princesa/ foi Rei Zumbi quem reinou". Esse quem cantou foi Marlene, grande intérprete. PÁTIO DO TERÇO, 1º lugar no Festival da Prefeitura, justamente no ano do centenário do frevo. Foi defendido maravilhosamente por Walmir Chagas (O Véio Mangaba). NANACATU, de Bráulio de Castro e Xico Bizerra - 1º lugar no Festival Abraça Brasil, em 2013. Interpretação espetacular pela cantora Edilza Ayres. O outro maracatu foi A RAINHA DO MORRO - 2º lugar no Festival da Prefeitura, de 2011. Quem cantou foi uma sambista de nome Gerlane Lopes. Dos frevos de bloco, ganhei o primeiro lugar com o BANJO DE NARCISO, de Bráulio de Castro e Fátima de Castro. A história dessa música já falei numa pergunta anterior. Outros frevos de bloco meus foram gravados por: Bloco Eu Quero Mais (esse gravou a maioria, inclusive o Hino e o Regresso; Bloco da Saudade, Bloco Cordas e Retalhos, Bloco Eucalipto, Fátima de Castro, Walmir Chagas, Coral Estalo, Coral Levino Ferreira e outros que me fogem da memória no momento. FREVO CANÇÃO, eu gravei com BUBUSKA, WALMIR CHAGAS, ED CARLOS, NENA QUEIROGA, FÁTIMA DE CASTRO, MACIEL MELO, NÁDIA MAIA, GENIVAL LACERDA, CLAUDIONOR GERMANO, EXPEDITO BARACHO, JÔ GOMES, IVANILDO SILVA, GUSTAVO TRAVASSOS, NONÔ GERMANO, (1º lugar este ano no Festival de Frevo da Humanidade). Também gravei dois CDs de frevos irreverentes com Cinderela, tendo participação especial de: O VÉIO MANGABA, ANDRÉ RIO, MARROM, ED CARLOS, GRETCHEN, ALCYMAR MONTEIRO,

SILVÉRIO PESSOA, ALMIR ROUCHE E FULERAGEM. Acho que tenho uma bagagem bastante consistente de músicas carnavalescas da minha terra. Infelizmente apesar de gravações e intérpretes excelentes, não sou quase tocado nas rádios. Aliás, não só eu, como também muitos colegas que fazem frevos de categoria.

Abílio - Não, Bráulio, não falamos ainda do frevo homenageando Narciso, mas a pergunta já estava engatilhada. O Bloco da Saudade lançou um CD recentemente. Você sabe dizer se a sua música e de sua esposa, Fátima de Castro, "O Banjo do Narciso" foi incluída? Digo isso porque já faz tempo que você compôs esse frevo, Narciso era um músico extremamente dedicado a esse bloco, no entanto ele nunca se dispôs a gravá-lo, demonstrando, ao meu ver, ingratidão com o saudoso instrumentista. O que você pensa disso?

Bráulio - Narciso pra mim foi um simbolo do Bloco da Saudade. Até hoje eu não sei por que eles nunca gravaram nem tocaram esta música, inclusive na época ela foi defendida pelo coral do próprio bloco, juntamente com Fátima de Castro, e ganhou o primeiro lugar no concurso da Prefeitura, que prometeu e não cumpriu lançar um CD com as músicas classificadas. Eu tenho duas hipóteses para o caso, ficando a seu critério concordar ou não com elas. 1ª): quando nós estávamos no Pátio de São Pedro, depois da apresentação, eu comentei com alguém que foi muito bom Fátima ter defendido a música junto ao Coral, uma vez que houve pouco tempo a fim de que seus membros decorassem a melodia, e como Fátima era uma das autoras da música, a apresentação ficou mais segura. Meses depois, eu soube que um colega participante, com raiva porque não tirou o primeiro lugar, foi dizer ao pessoal do Coral que eu tinha falado que elas tinham desafinado e se não fosse minha mulher, a gente não teria ganho. Como as pessoas da direção do Bloco são muito discretas, nunca me falaram nada nem eu perguntei. Depois gravaram outros frevos de bloco meus, por sinal bem gravados, mas se aconteceu isto que me falaram, a mentira do levantador de falso pegou. A 2ª): como Narciso do Banjo foi a primeira pessoa humilde a ser homenageada em vida com um frevo de bloco (com exceção de João Santiago que homenageou diversas pessoas humildes), eu acho que nem o Bloco da Saudade nem a Prefeitura do Recife se interessaram pela gravação. Antigamente, só medalhões que tinham falecido eram lembrados pelos compositores.

Abílio - Seu disco "Pernambucaneando" é ótimo, mas lamento sinceramente a parafernália eletrônica que acompanhou os intérpretes. É o segundo disco de frevo seu em que aconteceu isso. É muito caro levar músicos para o estúdio? Esses financiamentos para obras culturais são difíceis de conseguir? Você tentou?

Bráulio - Caro demais, Abílio. No CD "Pernambucaneando" eu ainda consegui colocar dois instrumentos de sopro em algumas faixas, mas infelizmente não consegui um bom patrocínio para gravar com mais instrumentos. Pra você ter uma ideia, nem eu nem Fátima nunca conseguimos aprovar um projeto pela Lei de Incentivo. Há uns três anos, um projeto meu passou na primeira fase do Funcultura, mas quando foi para os "finalmente", eu dancei. Seria um CD

duplo, com treze músicas minhas que foram sucessos ou gravadas por nomes nacionais, como Wilson Simonal, Benito de Paula, Jair Rodrigues, Noite Ilustrada, Alcione, Fafá de Belém etc. mais treze inéditas com os intérpretes locais, entre eles, Expedito Baracho, Maciel Melo, Walmir Chagas e Ed Carlos. Nesse projeto, Jair Rodrigues e Benito di Paula concordaram em colocar voz em dois sambas inéditos, mas o clube é muito fechado. Existem alguns projetos que são bons, mas passa cada porcaria de deixar você revoltado. Há quatro ou cinco anos, eu produzi um disco romântico com Fátima, foi um sacrifício danado, consegui a participação especial de Spok, Edson Rodrigues, Beto do Bandolim, Beto Hortiz, Fábio Valois e Luciano Magno. Todos eles gravaram pela amizade! Spok chegou a afirmar que estava muito feliz por participar de um trabalho tão bonito, tendo Fátima como cantora, porém até agora não houve jeito de arranjar uma grana para prensar o CD e fazer um show de lançamento. O título é um achado e a capa também. Pra encerrar: desde 1994 que eu tento aprovar um projeto com as músicas do grande injustiçado Inaldo Vilarim e não tem jeito, um cara que gravou com Maysa, Elza Soares, Dóris Monteiro e João Gilberto. No projeto nós provamos que ele foi um dos precursores da Bossa Nova.

Abílio - Por que intérpretes de frevo da categoria de Bubuska e Walmir Chagas ficam de fora dos palcos carnavalescos? Recentemente apareceu um agravante para o fato: estão importando cantores de forró para interpretar frevo-canção, como se o gênero fosse fácil de cantar como um xote ou baião, se bem que Maciel Melo se saiu muito bem interpretando um frevo seu: "Olinda Fervendo". Afirmo isso porque Bubuska deu um show naquele frevo de rua "Fogão", de Sérgio Lisboa, que você pôs uma letra especial, e Walmir Chagas também sobrou em "Pernambucaneando". A arte de cantar frevo não pode sofrer paralisação. Do lado feminino temos Nena Queiroga e mais quem? Claudionor Germano e Expedito Baracho são expoentes, estão vivos, porém em idade avançada. Cadê os continuadores? Tem o Ed Carlos que é muito bom, Gustavo Travassos, idem e outro que caiu nas graças dos conservadores, que é bom também, mas atira para todos os lados! Fale-me dessas coisas, se possível. Por que alguns cantores que poderiam sucedê-los são escanteados pelos produtores de disco e promotores de festas pagas com o dinheiro público?

Bráulio - Eu acho que no caso de Bubuska e Walmir Chagas é porque eles não se dobram, falam a verdade e isso incomoda muita gente que gosta de ser bajulada e não aceita crítica. Veja o caso de Fátima, não é porque seja a minha mulher, mas é excelente cantora e nunca conseguiu fazer show em lugar nenhum. Nem pela Prefeitura, nem pelo Estado. Jamais conseguiu participar dos eventos em Garanhuns e Triunfo, apesar das propostas enviadas todo ano. Acabou desistindo. Se a gente vivesse atrás de neguinho, fazendo média, puxando o saco, até trabalhando nas eleições, te garanto que não faltaria show. Quanto aos forrozeiros cantar frevo, eu acho que tem alguns muito bons, como por exemplo, Rogério Rangel, o próprio Maciel Melo que você citou, Nádia Maia, que deu uma interpretação genial no frevo de J. Michiles, "Homem da Meia Noite". Ela gravou também um frevo de minha autoria e Paulo Fernando que ficou ótimo: "OLINDA ETERNAMENTE BELA". O que eu não concordo é com uma minoria de forrozeiros que anda radicalizando, querendo

formar uma máfia a favor do forró e menosprezando os outros ritmos, inclusive o frevo. Como você disse num artigo seu sobre a minha pessoa, eu sou um compositor de todos os ritmos. Tenho quase cem forrós gravados e sou do tempo que artista só gravava com o crivo das gravadoras. Não é como hoje que qualquer neguinho faz dez CDs por ano. Adoro forró, adoro frevo, adoro música romântica, adoro ciranda, repente, adoro samba, em cuja praia já tenho há muitos anos o meu anel de bamba.

Abílio - Da década de 70 para cá surgiram ótimos frevos-canção, categoria de música da qual você também muito se sobressai. O mesmo não aconteceu com o frevo de rua, quase sempre composto por um músico de orquestra de frevo ou de bandas militares. Eu particularmente creio que não aparece mais um Levino, Nelson Ferreira, Carnera, Lourival Oliveira e José Nunes, só para citar esses. Na sua avaliação, existe uma crise de criatividade no meio artístico em relação a esse tipo de frevo que é lindo e instrumental?

Bráulio - Nós temos muitos compositores de frevo de rua que são ótimos, acontece que as rádios não tocam frevo-canção nem de bloco e de rua muito menos. E quando tocam só colocam os antigos. Sendo assim, como é que o povo vai tomar conhecimento das novidades? Antigamente, os compositores de frevo eram muitos, mas, hoje em dia, em virtude da falta de divulgação, se conhecem poucos frevos de rua novos. Agora iguais aos de Levino Ferreira, Nelson Ferreira e Lourival Oliveira, eu acho difícil.

Abílio - Frevisticamente falando, eu sou muito fã do maestro Ademir Araújo e sua Orquestra Popular do Recife, todavia não vejo com bons olhos aquele maestro espalhafatoso que "planta bananeira" no palco. Mas quem sabe, isso não seja uma implicância minha? Quanto a Spok, não há dúvidas que é um grande músico e arranjador, que tem uma orquestra muito afinada, no entanto libera seus músicos para improvisações como no jazz, o que não aprovo. Em resumo, aqui eu visto a camisa de conservador. Já ouvi três faixas do seu aclamado CD "Ninho de Vespa" e confesso que não tive vontade de dar um pulo sequer porque é o mais jazzístico dos seus três discos de frevo. Eu era fã da orquestra do maestro Nelson Ferreira e outras tradicionais como as de Duda, Clóvis Pereira, Guedes Peixoto e Zé Menezes, sem falar nas orquestras dos saudosos Severino Araújo e Zaccarias, que gravavam esse gênero no sudeste. E você, como vê essa dita renovação do frevo de rua, apelidada comercialmente de "frevo de palco", que é aplaudido pelos fãs de jazz do mundo inteiro?

Bráulio - Veja bem, Abílio, Ademir Araújo tem uma maneira diferente de reger, bem alegre, bem povão, mas quem planta bananeira é Forró. Ademir inegavelmente é um dos grandes de Pernambuco. Procure ouvir a gravação que ele fez de "Último Dia", de Levino Ferreira. É uma obra prima. Quanto a Spok, realmente é um músico espetacular, com um toque moderno, que em certas músicas, choca a gente que é da antiga, mas é um músico completo, joga em qualquer gênero. Ah! Eu ia me esquecendo, tem outra grande virtude, continua esbanjando simplicidade e humildade. Além dos Maestros que você citou, teve também Jonas Cordeiro, que gravou excelentes discos de frevo.

Sobre o frevo de rua, o nome já está dizendo: música pernambucana pro povo dançar.

Abílio - Você teve parceiros em grande parte das suas músicas. Foram parcerias de verdade, isto é, aquelas em que há participações efetivas na criação das melodias ou letras, ou houve algumas do tipo "se vou gravar, então tô nessa"?

Bráulio – Assim que cheguei em São Paulo, eu dei algumas parcerias. Foram poucas e resultantes de algum interesse comercial, mas pelos nomes dos meus parceiros, você deve observar que todos são compositores de verdade.

Abílio - Bráulio, você hoje mora em um aprazível bairro de Olinda, uma cidade que nós todos amamos. Sei que você gosta do Recife e de São Paulo também, mas persiste em você aquele antigo lema: "Sempre com Bom Jardim e o Santa Cruz no coração". Isso é ainda muito verdadeiro? É a saudade do doce da Dona Lita e do jogador Tará?

Bráulio - Quando eu vim embora de São Paulo, optei por morar em Olinda, uma vez que o Recife já estava muito tumultuado. O meu querido bairro da Iputinga, onde passei uma parte da minha infância, estava totalmente mudado, cheio de casas comerciais, e Casa Forte, onde também morei por alguns anos, pois meu pai foi diretor do Pequeno Jornaleiro, estava parecendo com Boa Viagem, cheio de monstros de concreto. As casas que achei pra comprar, precisavam de reforma e a situação financeira não permitia tanto luxo. Realmente, por onde andei nunca esqueci o meu Santinha. Em São Paulo, passei a torcer pelo Corinthians, mas sempre tendo o Santa Cruz em primeiro lugar. Quanto a Bom Jardim, se eu tivesse uma boa aposentadoria, já estaria dividindo Olinda com a minha terra, ou seja, estaria morando lá e cá. Infelizmente, com a esmola que recebo depois de 35 anos de contribuição ao INSS, tenho que morrer trabalhando. Eu gosto tanto do meu torrão que já fiz dois CDs e escrevi dois livros sobre os encantos e as figuras populares do meu Curato.

Abílio - Você tem mais de 300 músicas gravadas e quase o mesmo tanto de inéditas, entre essas, uma que na primeira vez que lhe visitei, eu ouvi você cantarolar e fiquei amarrado: "Última Faixa do Lado B", se não estiver enganado. Esse povo jovem que grava samba em Pernambuco não tem demonstrado interesse na preciosidade do seu baú? Por que sua esposa, Fátima de Castro, que é excelente cantora e violonista, não grava algumas dessas músicas?

Bráulio - Como eu lhe disse antes, Fátima gravou há quatro ou cinco anos, um CD com músicas minhas e algumas em parceria com ela, porém não o lançamos ainda por falta de patrocinador, tanto para a prensagem do disco quanto para fazer um show de lançamento no teatro. Gravar só por gravar é perda de tempo. Inclusive, ela canta maravilhosamente o samba que você citou. Nesse CD temos as participações de Spok, Edson Rodrigues, Beto do

Bandolim, Beto Hortiz, Luciano Magno, Fábio Valois e Forró. Já tentei todos os Funculturas da Vida e “neca, neca, dos cabelos teus”.

Abílio - Não poderia encerrar esta entrevista sem lhe perguntar sobre a saudade que sente dos seus amigos e parceiros Jorge Costa (um sambista completo), Inaldo Vilarim (compositor e músico) e Dimas Sedícias (músico e compositor conhecido até na Europa), todos dotados de enorme talento e morando no andar de cima, porém lamentavelmente esquecidos nos seus estados de nascimento, Alagoas e Pernambuco. Dimas, aos poucos, está sendo lembrado pelo excelente grupo Sa Grama. Ainda ontem ouvi um samba-canção de Inaldo Vilarim que foi gravado por Dóris Monteiro em 1955, cujos arranjos foram feitos pelo Maestro Tom Jobim em início de carreira. Qualquer artista de talento ser esquecido é uma coisa que me deixa bastante triste!

Bráulio - Você foi pra lá de feliz ao citar três grandes da MPB. Jorge Costa, alagoano de Maceió e radicado em São Paulo, faleceu sem ter a alegria de rever a sua querida Maceió, coisa que ele tanto almejava. Será que ele não tinha condições de pegar um avião e passar uns dias na sua cidade natal, da qual estava ausente há mais de trinta anos? Tinha sim. Acontece que o seu sonho era rever a sua terra reconhecido pelo sucesso que fez no Brasil inteiro. Infelizmente, nunca foi convidado a fazer uma apresentação por lá. Até mesmo em São Paulo, só agora depois de vinte anos de falecido, é que está sendo reconhecido como um grande sambista brasileiro. Fez sucesso tanto quanto Adoniran Barbosa ou Paulo Vanzoline. No Rio de Janeiro, os historiadores nunca deram bola pra ele. Em 1988, dois anos antes de eu vir embora pra Olinda, ele deixou comigo todo o seu material biográfico e acabamos fazendo um samba cujo título é: “Maceió me Chamou”, inédito até hoje. Na minha opinião, Jorge Costa e Djavan, são os dois compositores mais importantes de Alagoas. Além da saudade do meu parceiro mais constante, sinto a sua falta também nas parcerias. Inaldo Vilarim, meu parceiro em Recife, foi quem me ensinou a fazer samba. Na sua escola foi que aprendi a conviver com o samba moderno e na sua companhia, viajei pelas noites boêmias do Recife, onde conheci o samba de roda do Pátio do Terço e adjacências. Há alguns anos apresentei um projeto através do SIC (Prefeitura do Recife) com a sua obra, mas foi rejeitado. Ao procurar saber se o projeto tinha passado, Fátima, minha esposa, leu o parecer que estava exposto na mesa do coordenador: RECUSADO, SEGUNDO O RELATOR, INALDO VILARIM ERA COMPOSITOR DE SAMBA. Quanto a Dimas Sedícias, você disse muito bem, se não fosse o GRUPO SA GRAMA, estaria totalmente esquecido. Grande músico, arranjador, percursionista, baixista de primeira linha, compositor, fazia o popular e o clássico. O Sa Grama gravou um CD em sua homenagem (Prisma). O “Rói Couro” de sua autoria, faz parte da trilha sonora do filme Auto da Compadecida, do romance de Ariano Suassuna. Até hoje, eu e Fátima sentimos a sua falta. Alguns sucessos de Jorge Costa: Triste Madrugada (Jair Rodrigues), Moça Branca da Favela (Angela Maria), Castiguei (Noite Ilustrada e vários outros sambistas), Fim de Carnaval (Noite Ilustrada), Inferno Colorido (Bezerra da Silva) e Samba da Rosa (Noite Ilustrada). Sucessos de Inado Vilarim: Eu e o Meu Coração, gravado por Dóris Monteiro, Maysa e João Gilberto e Convite ao Samba, gravado por Elza Soares.

Abílio - Bráulio, quero muito lhe agradecer pela sua paciência e boa vontade. E se houve algum assunto, ou fato, sobre o qual não lhe foi perguntado por mim, fique bem à vontade para acrescentar o que for do seu desejo.

Bráulio - Abílio, eu é que lhe agradeço pela entrevista, pois me deu oportunidade de mostrar que existe muita coisa na música popular que a gente não conta porque a grande imprensa não nos procura, só anda atrás de medalhões e de quem gosta de fazer média. Vou aproveitar a oportunidade e falar de um importante parceiro meu, infelizmente também falecido: Paulo Elias, paulista de uma pequena cidade do interior, criado na Capital, onde era dentista. Além de compositor era um excelente poeta. Fizemos várias músicas juntos, entre elas: BENDITO SEJA (gravada por Benito de Paula, Zeca Pagodinho e o Grupo Tradição), VOCÊ DEU MANCADA (Conjunto Talismã), CARTÃO AMARELO (Djalma Pires), VÉIO MESTRE (GRUPO VELHOS AMIGOS).